

**O PENSAMENTO DE MURRAY BOOKCHIN E A TRAJETÓRIA
DO POVO CURDO: A ECOLOGIA SOCIAL E O
MUNICIPALISMO LIBERTÁRIO NA VISÃO DE ABDULLAH
ÖCALAN E SEU LEGADO NA REGIÃO AUTÔNOMA DE
ROJAVA – CURDISTÃO**

**THE THOUGHT OF MURRAY BOOKCHIN AND THE
TRAJECTORY OF THE KURDISH PEOPLE: SOCIAL ECOLOGY
AND LIBERTARIAN MUNICIPALISM IN THE VISION OF
ABDULLAH ÖCALAN AND HIS LEGACY IN THE
AUTONOMOUS REGION OF ROJAVA – KURDISTAN**

Roberto Medeiros

Mestre em História pela Universidade Federal do Estado do Rio
de Janeiro (UNIRIO).

RESUMO

Este trabalho busca analisar o pensamento do historiador e anarquista estadunidense Murray Bookchin acerca da ecologia social e do municipalismo libertário. Partindo deste primeiro momento, observamos como as ideias de Bookchin influenciaram a principal liderança do movimento revolucionário curdo, Abdullah Öcalan, a elaborar uma teoria para emancipação curda, o Confederalismo Democrático. Com pilares baseados na ecologia, no comunismo e na ciência das mulheres, buscaremos refletir como o Confederalismo Democrático cumpre papel fundamental na criação em 2012 da Região Autônoma de Rojava, no Curdistão, e o legado de Öcalan para o movimento de libertação curdo na região.

PALAVRAS-CHAVE

Abdullah Öcalan; Confederalismo democrático; Curdistão; Murray Bookchin; Rojava.

ABSTRACT

This work seeks to analyze the thinking of the American historian and anarchist Murray Bookchin about social ecology and libertarian municipalism. Starting from this first moment, we observe how Bookchin's ideas influenced the main leader of the Kurdish revolutionary movement, Abdullah Öcalan, to develop a theory for Kurdish emancipation, Democratic Confederalism. With pillars based on ecology, communalism and women's science, we will seek to reflect on how Democratic Confederalism plays a fundamental role in the effervescence in 2011 of the Autonomous Region of Rojava, in Kurdistan, and Öcalan's legacy for the Kurdish liberation movement in the region.

KEYWORDS

Abdullah Öcalan; Democratic Confederalism; Kurdistan; Murray Bookchin; Rojava.

O PENSAMENTO DE MURRAY BOOKCHIN E A TRAJETÓRIA DO POVO CURDO: A ECOLOGIA SOCIAL E O MUNICIPALISMO LIBERTÁRIO NA VISÃO DE ABDULLAH ÖCALAN E SEU LEGADO NA REGIÃO AUTÔNOMA DE ROJAVA – CURDISTÃO

1. INTRODUÇÃO

O ano era 2004, mais especificamente abril. E como detalha Debbie Bookchin, era um ameno dia de primavera em Vermont quando ela ouviu aquela frase proferida de maneira casual e espontânea por seu pai, Murray Bookchin: “Aparentemente, os curdos têm lido o meu trabalho e estão tentando implementar minhas ideias” (BOOKCHIN, 2018:1). Em carta enviada de Abdullah Öcalan por intermédio de Reimer Heider¹ para Murray Bookchin em 2004, o alemão detalha que Öcalan estava lendo os escritos de Bookchin e se encantou muito com suas ideias, visando implementá-las em diversos municípios (Heider; Öcalan, 2004). Infelizmente, Bookchin faleceu em 2006 e pouco observou o desenvolvimento das ideias de Öcalan, que resultariam nas bases ideológicas para a criação da Região Autônoma de Rojava, em 2012.

Durante sua trajetória de trabalho e ativismo político, o estadunidense Murray Bookchin colaborou com diversos livros e ensaios que discutiram sobre ecologia social, democracia de base e municipalismo libertário em alternativa à hierarquia e dominação do modelo do sistema capitalista (Bookchin, 1978). E a partir de leituras de trabalhos de Abdullah Öcalan percebemos que sua proposta de um Confederalismo Democrático, para solucionar os conflitos na região do Curdistão, perpassa por estes princípios, como a ecologia, democracia radical e uma estrutura organizada em confederações, em alternativa crítica ao sistema estado-nação (ÖCALAN, 2016).

Deste modo, em um primeiro momento, este trabalho visa analisar as teorias expressas na obra de Murray Bookchin e de Abdullah Öcalan, principalmente no que concerne aos temas da ecologia social e o municipalismo libertário. Por meio desta análise, observaremos a influência de Bookchin nos ideais de Öcalan, compreendendo o contexto curdo, permeando a formação do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) e a experiência da Região Autônoma de Rojava. Sobre Rojava, nos inclinaremos para

¹ Físico e ativista dos direitos humanos na Alemanha. É porta-voz da Iniciativa Internacional “Liberdade para Öcalan – Paz no Curdistão”. Heider é o principal tradutor para o alemão das obras de Abdullah Öcalan.

compreender de que forma os temas da ecologia social e do municipalismo se reverberaram, principalmente através do Confederalismo Democrático.

2. APONTAMENTOS SOBRE VIDA E OBRA DE MURRAY BOOKCHIN

O estadunidense Murray Bookchin (1921–2006) foi professor, historiador e filósofo, conhecido pelo pioneirismo no pensamento ecológico, e por ser fundador da chamada Ecologia Social. Nascido em janeiro de 1921, no bairro do Bronx em Nova York, no seio de uma família de judeus russos imigrantes, Bookchin cresceu sob a influência da Revolução Russa, e desde jovem, ingressara no movimento comunista local.

Participando de greves e comícios no contexto da depressão econômica e social de 1929 que assolou os Estados Unidos e o mundo, e se envolvendo em Nova York com intenção de apoiar o movimento de suporte aos revolucionários na Espanha durante a Guerra Civil, a década de 1930 fora importante para o desenvolvimento de suas atividades de militância e intelectual. Esta década também traria uma reviravolta em seus pensamentos. Decepcionado após a guinada autoritária da União Soviética e com o pacto Hitler-Stalin de 1939, acaba sendo expulso do movimento por sua tendência considerada “anarco-trotskista” e se aproxima ao pensamento socialista libertário.

Trabalhando como funcionário em indústrias durante a década de 1940 como em uma fábrica de automóveis, engajou-se em atividades sindicais, atuando por dez anos na *United Autoworkers* (AUW), um sindicato norte-americano que representa os trabalhadores nos Estados Unidos e no Canadá, fundado em 1935. Bookchin se decepcionou com o fim da grande greve da General Motors em 1946, que mesmo com os trabalhadores saindo de certa forma “vencedores”, aceitando planos de pensão e seguro-desemprego, isto não era o suficiente para resolver definitivamente o problema de suas condições dentro do sistema capitalista. Para Bookchin, com esse recuo, ficava perceptível que:

O sindicalismo era agora aceito pela burguesia, e que os trabalhadores haviam abandonado seu espírito revolucionário, e estavam apenas interessados pelas vantagens materiais; em suma, reinava uma atmosfera de desmobilização da classe (BOOKCHIN, 1999: 10).

Em oposição a esta atmosfera, e se aproximando do anarquismo, o pensador estadunidense afirma que a tradição revolucionária precisaria se aprofundar em um projeto de criação de uma sociedade cooperativa livre, em oposição ao caráter autoritário

do socialismo. Seguindo este direcionamento ideológico ao anarquismo durante a década de 1950, Murray Bookchin se colocou atento ao contexto político estadunidense.

O aumento do investimento do estado em novas tecnologias, em uso civil e militar, como o incentivo ao uso de pesticidas na produção em larga escala, o desenvolvimento da energia nuclear, a super produção de automóveis, os produtos derivados do petróleo e o anúncio da produção em massa de medicamentos que controlariam doenças consideradas incuráveis, resultariam em uma gigantesca crise no meio ambiente. Bookchin faria sua crítica a este sistema, em artigo intitulado *The problem of the chemicals in food* (1952), sob o pseudônimo de Lewis Herber, ao afirmar que “poderosos com o lucro em mente produziram distúrbios ecológicos por toda área agrícola americana. Por décadas, madeiras e ferrovias tiveram permissão para destruir terras florestais valiosas e vida selvagem” (HERBER, 1952: 211).

Em um de seus ensaios sobre a questão ecológica, intitulado *Ecologia e Pensamento Revolucionário* (1988), Murray Bookchin pôde estabelecer a ecologia como um conceito político, propondo-a em uma concepção mais ampla de natureza e da relação entre a humanidade e o mundo natural. Manifestando a sua posição revolucionária em alternativa à crise ambiental, vinculou a economia ao meio ambiente como parte integrante do projeto de transformação social, onde “um novo tipo de comunidade, adaptada às características e recursos da região e com todas as amenidades da civilização industrial, deve substituir os extensos cinturões urbanos atuais” (Bookchin, 1988: 2).

Buscando se aprofundar nesse novo tipo de sociedade a ser construída, a encontrou na junção entre anarquismo e ecologia, em uma conexão que resulta na formação da *ecologia social* e no *municipalismo libertário*, ou *comunalismo*. Na compreensão do autor, tanto o ecólogo como o anarquista veem a diferenciação em comunidade como uma medida de progresso, e esta é uma das prioridades para a formação de uma comunidade anarquista que deverá

Aproximar-se de um ecossistema bem definido: será diversificada, equilibrada e harmônica. A procura da autossuficiência levará a um uso mais inteligente e amoroso do meio-ambiente, permitindo o contato dos indivíduos com uma vasta gama de estímulos agrícolas e industriais. O engenheiro não estará separado do solo, nem o pensador do arado ou o fazendeiro da indústria. A alternância de responsabilidades cívicas e profissionais criará uma nova matriz para o desenvolvimento individual e comunitário, evitando a hiperespecialização profissional e vocacional que impediria a sociedade de alcançar seu objetivo vital: a humanização da natureza pelo técnico e a naturalização da sociedade pelo biólogo. Nas comunidades ecológicas a vida

social levará ao incremento da diversidade humana e natural, unidas em harmônica totalidade. Haverá uma colorida diferenciação dos grupos humanos e ecossistemas, cada um desenvolvendo suas potencialidades únicas e expondo os membros das comunidades a um leque de estímulos econômicos, culturais e comportamentais. A mentalidade que hoje organiza as diferenças entre o homem e outras formas de vida em esquemas hierárquicos e definições de "superioridade" e "inferioridade", dará lugar a uma visão ecológica da diversidade. As diferenças entre as pessoas não só serão respeitadas, mas estimuladas. As relações tradicionais que opõem sujeito e objeto serão alteradas qualitativamente, o "outro" será concebido como parte individual do todo que se aprimora pela complexidade. Este sentido de unidade refletirá a harmonização dos interesses entre indivíduos e grupo, comunidade e ambiente, humanidade e natureza (BOOKCHIN, 1988:3).

Com a criação desta comunidade, um de seus objetivos é a humanização da natureza e a naturalização da humanidade, seguindo em ecotopias alternativas ao sistema de exploração existente. Em *Por una sociedad ecológica* (1978), o autor afirma que para a realização desta sociedade ecológica seria necessário um balanço radical das tendências que caracterizaram o desenvolvimento histórico da tecnologia capitalista e da sociedade burguesa, construindo, em resposta, a descentralização das cidades e fundando ecocomunidades novas, onde

É de esperar que estas ecocomunidades e a sua tecnologia adaptada às dimensões do homem abram uma nova era de relações entre indivíduos e de democracia direta e permitam tempos livres graças aos quais, à maneira do Gregos, a população poderá dirigir os assuntos da sociedade sem a mediação de burocratas e profissionais da política. Assim, as decisões tomadas pela hierarquia no corpo social por tanto tempo seriam anuladas e superadas. Assim, os sexos, as classes etárias, a cidade e o campo, o governo e a comunidade, o corpo e a mente, atualmente divididos e opostos, seriam reconciliados e readmitidos em uma síntese humanista e ecológica. Dessa síntese emergiria uma nova relação entre a humanidade e o mundo natural, onde a mesma sociedade seria como um ecossistema baseado na unidade dentro da diversidade, na espontaneidade e em relacionamentos não hierárquicos (BOOKCHIN, 1978: 131-132).

Imprimindo continuidade à ideia de ecocomunidade sem a existência das relações de dominação e hierarquia, Bookchin em seu livro *La ecología de la libertad: el surgimiento y la disolución de la jerarquía* (1999), busca discutir inicialmente a histórica dominação dentro de uma hierarquia sistêmica. Neste trabalho, investigou sobre a crise da razão, a ciência e a técnica, parte do que considera como brechas intelectuais aprofundadas por autores que advoga como suas bases de influência, como Max Weber, Max Workheimer, Theodor Adorno e Karl Polanyi.

Para além destes citados, sua influência especial é Piotr Kropotkin. E por mais que discorde de sua linha de um confederalismo baseado no contrato e no intercâmbio,

criticando sua noção de sociabilidade, considera o autor russo como uma influência insuperável. Especialmente por suas discussões na direção de uma ecologia social libertária, reivindicando o mutualismo social e natural, na ênfase da busca pela reconciliação entre o ser humano e a natureza, o desprezo pela hierarquia, o papel da ajuda mútua e a visão de uma nova técnica descentralizada e humana (Bookchin, 1999; 11).

Analisando criticamente a dominação e a hierarquia, o autor denuncia a catástrofe ecológica ocorrida durante o século XX e as consequências apocalípticas que ameaçam a própria reprodução da vida humana na terra. O entendimento é de que a causa da crise ecológica é identificada na ruptura do equilíbrio entre os seres humanos e a natureza, provocada pela dominação, principalmente ao afirmar que “a noção da dominação da natureza pelo homem vem da própria e verdadeira dominação do homem pelo homem” (Bookchin, 1999: 18), com a apresentação de dois horizontes possíveis,

De um lado, a árdua perspectiva de um mundo harmonioso, com sensibilidade ecológica baseada em amplo compromisso com a comunidade, ajuda mútua e novas tecnologias; e, por outro, a terrível perspectiva de um desastre nuclear. Nosso mundo, aparentemente, terá que passar por transformações revolucionárias de tal amplitude que a humanidade verá suas relações sociais e sua concepção de vida completamente transformadas, ou terá que sofrer um apocalipse que poderá acabar com a permanência da humanidade no planeta (BOOKCHIN, 1999:95).

Em uma tentativa de resposta a esta urgência, desenvolveu-se a disciplina da *ecologia social* a partir de toda esta discussão e trajetória ativista. A ecologia natural trata sobre o equilíbrio dinâmico da natureza, a interdependência do vivo e do inanimado, e por outro lado a ecologia social percebeu como a espécie *homo sapiens* deixou o mundo natural para introduzir-se em um mundo social próprio. E como ambos os mundos interatuam por meio de complexas fases de relação e evolução, se fez importante para Bookchin esta ligação entre uma ecologia social e ecologia natural, afirmando que

Explorar essas diferenças, examinar as fases e relações que compõem sua criação e o longo desenvolvimento humano desde a animalidade até a sociedade (desenvolvimento repleto de problemas e possibilidades), é fazer da ecologia social uma das disciplinas mais poderosas a partir da qual uma crítica da ordem social atual pode ser feita. Mas a ecologia social oferece mais do que apenas uma crítica da separação entre humanidade e natureza; ela também entende a necessidade de reconciliá-las. Na verdade, ela entende a necessidade de transcendê-las (BOOKCHIN, 1999:101).

E uma forma de reconciliar a humanidade e a natureza de forma a transcendê-las em unidade em comunidade é o uso ecológico da tecnologia, de forma a utilizá-la a serviço da vida e das necessidades humanas e não em vista da exploração e dominação (BOOKCHIN, 1978: 93). E para Madrid, que faz uma contribuição relevante para este debate acerca da técnica, um sistema de dominação, por si só, em seu nascimento, trajetória e consolidação, para a sua sobrevivência, necessita da criação de um acúmulo crescente de poder e controle sobre os elementos que podem eventualmente questioná-lo, com possibilidade de eliminar o fator humano de suas relações se preciso for, principalmente com o crescimento da técnica (MADRID, 1997: 11).

A dimensão política da ecologia social instiga Bookchin a formular soluções para a crise ambiental, e a partir da ecologia social, apresenta uma proposta fundada pelo autor: a construção do *municipalismo libertário*, ou *comunalismo*, um novo modelo de ação como alternativa à hierarquia e dominação na sociedade capitalista. Em resposta às suas observações acerca da ecologia social, incluindo o municipalismo libertário e o naturalismo dialético, o autor busca resgatar o significado da política em um sentido mais amplo e emancipatório, para que a partir desta concepção, se possa realizar o potencial histórico do município como espaço onde se desenvolvem as ideias e o discurso. O município no caso, se constituirá como o único espaço possível para uma associação baseada na livre troca de ideias e no comportamento criativo, onde as capacidades da consciência se coloquem à serviço da liberdade.

Nesta experiência, a participação da sociedade na esfera política do município, com possibilidade de se candidatar às eleições dos conselhos e para diretório municipal, interviria de forma efetiva nas necessidades locais, envolvendo cidadãos em grupos de afinidade, formando redes que poderiam minar a tradicional hierarquia do sistema que envolve participação política e necessariamente Estado, em prol de uma sociedade libertária. Extraíndo suas ideias do anarquismo no estímulo do compromisso com o antiestatismo e o confederalismo, Bookchin encontra no comunalismo uma teoria e sistema de governo por qual as comunidades praticamente autônomas encontram-se livremente unidas formando uma federação, onde

em seu programa de municipalismo libertário, o comunalismo busca firmemente eliminar as estruturas municipais estatistas e substituí-las pelas instituições da política libertária. Busca reestruturar radicalmente as instituições governantes das cidades, transformando-as em assembleias populares democráticas baseadas em bairros, pequenas cidades e vilas. Nessas

assembleias populares, os cidadãos – incluindo tanto a classe média quanto a classe trabalhadora – lidam com os problemas da comunidade face a face, diretamente, tomando decisões políticas com base na democracia direta e realizando o ideal de uma democracia humana e radical (BOOKCHIN, 2019: 53-54).

Ao exercer este programa de um municipalismo libertário, o comunalismo defende a criação de assembleias populares municipais capazes de exercer o poder político efetivamente democrático. Com relação a organização deste sistema, as

Assembleias municipais com democracia direta elegeriam seus delegados para servir em um conselho confederativo. Este conselho seria um congresso de delegados das diferentes assembleias municipais. O conselho teria pouco poder por conta própria e simplesmente levaria a cabo a vontade dos municípios. Além disso, os delegados estariam sob ordens estritas de votar de acordo com os desejos de seus municípios de origem, o que lhes daria instruções rigorosas por escrito (BIEHL; BOOKCHIN, 2009:113).

Em alternativa ao nacionalismo e a formação do estado-nação, que para o autor seriam modelos fundados para dividir a humanidade, nestas comunas haveria unidade na diversidade, a partir da diversidade linguística e cultural. As assembleias populares dentro de municípios participantes de uma confederação, isto é, uma rede de organização das comunidades que desafiaria a ideia centralista do estado, se organizariam como uma “comuna de comunas”, onde haveria ao mesmo tempo uma descentralização e autonomia local, mas também uma unidade confederativa e interdependente.

As comunas assumiriam a forma de democracia direta com o controle coletivo, ou a propriedade dos recursos de maior importância social em uma economia municipalizada, em redes com outras comunidades, que definiriam seu uso e distribuição de recursos por meio de assembleias baseada na ética da complementaridade e da solidariedade (BOOKCHIN, 2019: 143). A tarefa em si das assembleias populares é estabelecer um modelo de deliberação e poder capaz de substituir o Estado por uma alternativa comunal, onde os cidadãos, os “proprietários” coletivos dos recursos econômicos de sua comunidade, formulem políticas econômicas no interesse da comunidade como um todo (BIEHL, 2019: 68).

Como um princípio de organização social, o Confederalismo atingiria seu desenvolvimento com uma economia confederada, que realocariam empreendimentos para o município como fábricas e fazendas geridas através da população dentro das assembleias populares nas vilas e bairros de cidades. Para Bookchin, a Confederação reuniria o descentralismo, o localismo e a autossuficiência, sendo o Confederalismo

Concebido como um todo: um corpo conscientemente formado de interdependências que une a democracia participatória em municipalidades com sistemas de coordenação supervisionados meticulosamente. Um tipo de metabolismo social fluído e sempre em desenvolvimento, no qual a identidade de uma sociedade ecológica é preservada através de suas diferenças e pela sua virtude potencial de abarcar diferenças ainda maiores (BOOKCHIN, 2023:16-17).

Por fim, as assembleias populares e este novo modelo de sociedade, com possibilidade de constituir uma ameaça ao Estado e sistema capitalista, para o autor, criariam uma guarda armada ou uma milícia de cidadãos para proteger suas novas liberdades. Biehl complementa que neste caso sobre a análise de Bookchin, que uma milícia de cidadãos não é apenas uma força militar, mas também manifesta o poder de uma cidadania livre, refletindo sua determinação em fazer valer seus direitos e seu compromisso com sua nova dispensação política. A milícia ou guarda cívica seria organizada democraticamente, com oficiais eleitos tanto pela milícia quanto pela assembleia de cidadãos, e existiria sob a estreita supervisão das assembleias de cidadãos.

Como veremos a seguir, a principal liderança do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), Abdullah Öcalan, fora influenciado por estas ideias sobre a ecologia social e o municipalismo libertário de Murray Bookchin, fundando sua teoria intitulada Confederalismo Democrático. Antes, iremos a um breve balanço da trajetória do povo curdo, e a formação do Partido dos Trabalhadores do Curdistão, que se constitui de fundamental importância para os debates e a consolidação deste ideal.

3. A QUESTÃO CURDA NO CONTEMPORÂNEO: RESISTÊNCIA, FORMAÇÃO DO PARTIYA KARKÊREN KURDISTAN (PKK) E LIDERANÇA DE ABDULLAH ÖCALAN

Os curdos são um povo de origem indo-europeia assentados na região da Mesopotâmia há mais de quatro mil anos (Öcalan, 2012: 23). Dentre os dialetos falados pelo povo curdo, destacam-se o sorani, zazayi, fayli e o kurmanji, sendo o último, o mais comum entre os curdos na Turquia e na Síria, e estes são em sua maioria da vertente islâmica sunita, com espaço para outras religiões como os sufistas, shia e yazidi. O Curdistão é o nome dado à região que compõem o conjunto linguístico, cultural e étnico conformado majoritariamente por curdos. Atualmente localizado entre os territórios da

Turquia, Síria, Irã e Iraque, abrange cerca de 400.000 km². Em 1639 ocorreu a primeira divisão do Curdistão pelos impérios Otomano e Persa iniciando o processo de fragmentação do território na região.

Outra divisão ocorreu com a formação da República da Turquia, surgindo em 1923 com o fim do Império Turco Otomano e o nascimento dos estados-nação na região. Em 1916 é assinado o Syker-Picot, acordo secreto entre França e Reino Unido sacramentando suas influências na região do Oriente Médio. Este fora um passo para partilha do Império Otomano, criando as estruturas que afirmariam o Tratado de Sèvres³, porém após a independência da República da Turquia em 1923, o Tratado de Sèvres não foi sancionado, mantendo as fronteiras consolidadas e negando a possibilidade de criação de um Estado Curdo. No mesmo ano, com a assinatura do Tratado de Lousanne entre a Turquia e os vencedores da Primeira Guerra, os turcos mantêm soberania sobre os territórios perdidos anteriormente.

A compreensão da repressão permanente do Estado turco é essencial para demonstrar o que ocorre na trajetória do povo curdo⁴. A negação da existência de outros povos dentro do Estado gera uma intensa repressão física e simbólica, em tentativa de apagamento. Exemplo disto é que os curdos passam a ser conhecidos como “turcos da montanha”, negando-lhes a sua etnia, e que afirmar a existência de curdos na Turquia é considerado um ato de “separatismo” e, portanto, de “terrorismo”.

Para Bosarsian (2001), este é um dos dois pontos que distingue o sistema político do estado turco das outras regiões do Oriente Médio. Em primeiro, a constância da coerção estatal e da repressão violenta em um monopólio total do autoritarismo turco sob o sistema político de 1923 a 1946, neste período, as revoltas curdas e também outras

² Território dividido em quatro importantes regiões denominadas, Başûrê (Curdistão Iraquiano), Bakur (Curdistão Turco), Rojava (Curdistão Sírio) e Rojhilat (Curdistão Iraniano).

³ Neste tratado de 1920, foi estabelecida a terceira Sessão para tratar a questão curda, sendo destinada exclusivamente para isso. Em seu artigo de número 62, ficava determinada a criação do Estado do Curdistão, por meio da criação de uma grande zona autônoma (TRATADO DE SÈVRES, 1920).

⁴ Neste trabalho, nos concentramos sobre as relações com a Turquia neste tópico, porém isso não exclui outros países da região, como o Irã, Iraque e a Síria de reprimir a população curda de diferentes maneiras. A título de exemplificação em conflitos contemporâneos, o contexto curdo na Turquia desde a década de 1980, está intimamente interligado com a insurgência do PKK. Desde 2003 no Iraque, refere-se principalmente à dinâmica entre o governo federal em Bagdá e o Governo Regional do Curdistão (KRG) em Erbil. Na Síria, refere-se à opressão da população curda e, desde 2012, a atual e futuro status da administração liderada pelos curdos no nordeste da Síria. No Irã, os governos de últimas décadas investiram poucos recursos significativos para o desenvolvimento socioeconômico curdo em áreas habitadas. Para maiores informações sobre as relações entre os curdos e estes países, ver o trabalho do chefe executivo do projeto Kurdish Human Rights, Kerim Yildiz.

contestações foram brutalmente reprimidas. O segundo ponto é demonstrado que no ano de 1946 é implementado o sistema político pluripartidarista⁵, que teve sua capacidade de integrar múltiplos atores políticos nas décadas seguintes, com

O período de 1960 a 1970 foi marcado pela emergência de novos partidos políticos, mas também por um forte aumento da contestação social, da violência política e pelo golpe de estado de 12 de março de 1971. O período de 1975-1980 testemunharia uma vaga de violência civil, que fez mais de 6.000 mortos. Ela conduziu a um novo golpe de estado, aquele de 12 de setembro de 1980, cujo balanço em termos de violações dos direitos humanos foi desastroso – cerca de 50 execuções, várias centenas de vítimas. Enfim, a passagem ao governo civil em 1983 foi acompanhada da guerrilha do PKK lançada em 1984 (30.000 mortos desde então) (BOZARSIAN, 2001: 68).

Em território turco, surge de forma secreta o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (Partiya Karkerên Kurdistan - PKK), em novembro de 1978. Inicialmente o grupo é formado por jovens como: Abdullah Öcalan⁶, Ali Haydar Kaytan, Camil Bayik, Duran Kalkan, Hakki Karer e Mazlum Dogan (Ribeiro, 2015: 32). Em seu primeiro momento, o partido adere de forma profunda às ideologias marxistas-leninistas-maoístas, com influência de outros grupos de libertação nacional do período. Com o objetivo de fundar uma autonomia em sua região através de uma guerrilha popular, o partido apoiaria uma revolução que fosse nacional e democrática, para formar um Curdistão democrático e independente (KAVÁLEK, 2020: 69; Apud, Öcalan, 1978), onde

A revolução assumirá a forma de uma luta armada prolongada ou "guerra popular" baseada no campesinato. A liderança da revolução está nas mãos da "classe trabalhadora" sob a liderança do PKK. É necessário quebrar o poder dos líderes "feudais" da sociedade curda, já que são os representantes do colonialismo. O campesinato e a pequena burguesia urbana são os dois principais aliados da classe trabalhadora. Não há "burguesia nacional" curda porque o colonialismo não permitiu que ela se desenvolvesse como classe. Os aliados internacionais da revolução são os "países socialistas", os partidos operários dos países capitalistas e os "movimentos de libertação dos povos oprimidos do mundo". as "forças pós-imperialistas que os apoiam". Após a "revolução democrática nacional", a luta se transformará "perfeitamente" em uma revolução socialista. Este manifesto, junto com o símbolo do partido – uma bandeira vermelha com uma foice e um martelo – permanecerá até o quinto congresso do partido em 1995 (JONG, 2015: 9).

⁵ O processo de politização curda se inicia com o KDP (Partido Democrático do Curdistão Iraquiano), fundado em 1946 por Mustafá Barzani no Curdistão Iraquiano.

⁶ Öcalan, que viria a se tornar a grande liderança do partido, desde 1974 participava da União de Educação Superior em Ankara, grupo de libertação que se embasava na ideologia guevarista. Com uma estrutura ainda rudimentar em seu início, somente alguns anos após sua construção, em 1978, um grupo de estudantes da Universidade de Ankara começou a se reunir secretamente para debater questões relacionadas à libertação curda, justiça, socialismo e ação revolucionária, e assim surge o embrião do que será o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK).

Tomáš Kaválek em sua tese *Comparative Analysis of PKK Insurgencies in the Middle East in 2004-18* (2021) onde analisa comparativamente as insurgências do PKK no Oriente Médio entre 2004-18, divide o PKK em relevantes periodizações. Em um primeiro momento entre 1975-1984, como supracitado, seria o momento de protoinsurgência do partido, com poucos participantes e em fase de consolidação de suas bases ideológicas. Durante 1984-1990, ocorreria um período de insurgência em pequena escala por parte do partido, porém intensa, pois este é o início de ataques da guerrilha ao Estado turco, evoluindo para um período de insurgência em grande escala do PKK, entre 1990-1999, em um momento de intensa violência (Kaválek, 2021: 72).

Durante este período de insurgência, no 3º Congresso do PKK, ocorrido em 1987, fora decidido organizar separadamente as unidades da juventude, mulheres e trabalhadores. A juventude deu seu primeiro passo no caminho de uma organização autônoma dentro do movimento de libertação com a criação da União da Juventude Patriótica do Curdistão (Yekîtiya Xortên Welatparêzên Kurdistan - YXWK) na Europa, neste mesmo ano. Dois anos depois, em 1989, a YXWK deu passos em direção à organização no Curdistão do Norte e cidades da Turquia com a efervescência de revoltas populares no final da década (Movimento Revolucionário Juvenil Curdo, 2023:95), e com o alcance da participação da juventude aposta nestes locais, em 1991 há uma mudança no nome para “Juventude Patriótica” (Yekitîya Ciwanên Kurdistan – YCK).

Um marco nesta década para a trajetória do partido é a identificação do papel central da emancipação da mulher na sociedade como um dos pilares do Confederalismo Democrático. Para Reber Apo, como também é conhecido Ocalan, “a liberdade das mulheres desempenhará um papel estabilizador e de nivelamento na formação da nova civilização, e ela tomará o seu lugar em condições de respeito pela liberdade e pela igualdade” (Öcalan, 2016: 73). E fora nesta década supracitada, no ano de 1987, que o partido organizou o primeiro encontro somente de mulheres denominado Yekitiya Jinen Welaparezen Kurdistan (União das Mulheres Patrióticas do Curdistão) (Ribeiro, 2017: 6), e em 1995 realizou-se o Primeiro Congresso oficial das mulheres do PKK.

Estes acontecimentos ocorreram pela pressão das militantes e guerrilheiras que começaram a se organizar de forma autônoma e independente, e por outro lado, a partir do Confederalismo Democrático, cria-se uma matriz antipatriarcal tendo como base a perspectiva de gênero, o que os curdos chamaram de *jineology*, a ciência da mulher. Este

processo busca o acesso das mulheres dentro dos âmbitos da sociedade com participações políticas e científicas e objetiva romper com a mentalidade do “macho dominante” na sociedade (Ribeiro, 2019: 83). Com programas de formação para transformar o homem, “o conceito de “Matar o homem” visa dismantelar e superar este sistema de relações de poder, e propor uma nova compreensão do que significa ser um homem” (INSTITUTO ANDREA WOLF, 2023:53).

Assumindo um caráter conciliatório a partir de meados da década de 1990⁷, o PKK entraria em um momento de transformação, reconstrução e expansão, segundo o autor, principalmente após a prisão de sua liderança, Abdullah Öcalan, em 1999⁸. Com Abdullah Öcalan preso, este momento representou uma ruptura para o movimento de libertação curdo, surgindo entre 1999 e 2005, um novo período de formulação teórica acerca das bases e atividades do partido. Ao formular sua crítica ao processo de formação do estado-nação, o líder curdo define quatro pilares ideológicos que elevaram este sistema a um “nível divino”: o nacionalismo, a ciência positivista, o sexismo e a religiosidade (ÖCALAN, 2016: 22-25).

Com visitas na prisão de Imrali, em uma ilha na Turquia, permitidas apenas para seus advogados durante uma hora por semana neste momento, a partir de 1999, porém com mais especificidade a partir de 2002, Öcalan inicia na prisão um estudo das obras de Bookchin, mais particularmente, dos livros: *Ecology of Freedom: The Emergence and Dissolution of Hierarchies* (1982), *Urbanization Without Cities* (1992) e *Remaking Society* (1990) (Cruz, 2022: 14). Criticando as estruturas econômicas atuais que não somente deterioram a sociedade, como também o meio ambiente e inspirado no conceito de ecologia social de Bookchin, Öcalan propõe a constituição de uma sociedade ecológica que tenha como base o contato consciente e harmonioso com a natureza, e no desenvolvimento desta, uma reconciliação entre ser humano e natureza, compreendendo que,

Um modelo social ecológico é por essência um modelo socialista. Um equilíbrio ecológico somente será possível durante a fase de transição entre uma sociedade alienada baseada no despotismo e uma sociedade socialista.

⁷ Com a queda da URSS, diminuiu-se as aspirações e apoio para um Estado independente naquele momento. Com essa percepção, Öcalan buscava formular uma nova solução contra o modelo político de estado-nação.

⁸ Abdullah Öcalan foi condenado à morte pelo governo turco, porém foram notadas irregularidades na condução do processo da Corte Europeia de Direitos Humanos. Erdogan decidiu realizar um novo processo visando a entrada da Turquia na União Europeia. Öcalan abandona a Síria em 1998 chegando na Itália, e logo após, buscando asilo em Nairobi no Quênia. Em fevereiro de 1999 é capturado pelo serviço secreto turco.

Seria ilusão acreditar que a preservação do meio ambiente é compatível com o sistema capitalista. Pelo contrário, o sistema capitalista contribui avidamente para a devastação do meio ambiente. A proteção do meio ambiente deve ser levada em consideração seriamente durante o processo de mudança social (ÖCALAN, 2008: 35).

Por mais que neste trabalho não iremos nos aprofundar criticamente às ideias de Ocalan, é interessante ressaltar o debate de ativistas e acadêmicos sobre o aspecto da influência socialista em seus trabalhos. David Graeber trabalha este ponto em *Sobre o Movimento Curdo e o Pensamento de Öcalan* (2021), e coloca que Öcalan anunciou uma série de rompimentos teóricos com os pilares da ortodoxia marxista, buscando criar uma escrita teórica sobre suas ideias para o Curdistão à medida que foi avançando, não abandonando o marxismo pelo anarquismo, mas durante seus escritos “ele embarcou em sua jornada intelectual na esfera do pensamento marxista sectário, transcendendo-o gradualmente até deixa-lo completamente para trás” (GRAEBER, 2021: 16).

Sobre o sistema capitalista discutido por Öcalan, a alternativa à exploração da natureza imbricada ao modelo de estado-nação, e solução para os conflitos nas regiões próximas ao Curdistão seria chamada de Confederalismo Democrático, “um paradigma contrastante das pessoas oprimidas” sendo este, “fruto da vida em sociedade”. Um modelo de socialismo libertário que se baseia na construção de uma organização social autogerida, democrática em estruturas políticas horizontais, anti-patriarcais e ecológicas (ÖCALAN, 2016:21-23), um sistema o qual

Este tipo de organização ou administração pode ser chamado de administração política não-estatal ou democracia sem Estado. Os processos democráticos de tomada de decisão não devem ser confundidos com os processos conhecidos da administração pública. Os Estados só administram, enquanto democracias governam. Os Estados são fundados no poder; as democracias são baseadas no consenso coletivo. Os cargos no Estado são determinados por decreto, ainda que possam, em parte, ser legitimados através de eleições. As democracias usam eleições diretas. O Estado usa a coerção como meio legítimo. As democracias se baseiam na participação voluntária (ÖCALAN, 2016: 27).

A própria ideia de municipalismo libertário de Murray Bookchin se vê desaguar na formulação do Confederalismo Democrático, com ambos os modelos se apresentando como alternativa através de proposta anticapitalista e ecológica que serve de base para uma democracia radical. Em oposição a este sistema de exploração do meio ambiente, seriam implementadas “cooperativas comunais na agricultura e nos setores de água e energia mostrando-se formas ideais de produção” (ÖCALAN, 2016: 39).

Öcalan estabelece princípios para a constituição e a consolidação do Confederalismo Democrático: o direito à autodeterminação dos povos, que inclui o direito de ter um Estado próprio; em segundo lugar, Öcalan demonstra que o Confederalismo Democrático é um projeto sem a composição de um Estado, sendo um projeto organizacional e cultural de uma nação democrática; o modelo se baseia na participação popular, com as tomadas de decisão ocorrendo nas comunidades; a democracia de base é fundamental para o funcionamento do processo; e a apresentação do Confederalismo Democrático como um movimento antinacionalista, ou seja, sua meta não é a formação de um Estado-nação curdo, e sim pretende estabelecer uma confederação aberta para todos os curdos que reúna as quatro partes do Curdistão localizadas entre o Irã, Síria, Turquia e Iraque (ÖCALAN, 2016: 34-35).

Em termos deste trabalho, por fim, Öcalan destaca em paralelo com o que Bookchin afirmava sobre a existência das milícias populares de proteção o papel da autodefesa destas na construção democrática, onde “a autodefesa de uma sociedade não está limitada a dimensão militar. Pressupõe também a preservação de sua identidade, a sua própria consciência política e um processo de democratização. Só assim poderemos falar de autodefesa” (ÖCALAN, 2016: 31). Exemplificando com a Yekîneyên Parastina Gel - YPG (Unidade de Proteção do Povo) e a Yekîneyên Parastina Jin – YPJ (Unidade de Proteção das Mulheres), estes saíram vitoriosos no Cerco de Kobani em 2014 e na retomada da cidade de Raqqa em 2017, que era até então capital do Estado Islâmico (VERISSIMO, 2021: 86).

Como veremos a seguir, entre diversos pontos de influência, estas Unidades de Proteção Popular foram importantes para a constituição da Região Autônoma de Rojava. A trajetória de construção do autogoverno em Rojava diz respeito a um processo social e político próprio que se relaciona com o PKK, mas que resulta da confluência de uma série de outros atores e grupos políticos, na trajetória de mais de 30 anos de luta por independência, ressignificada através da busca pela autonomia.

4. O LUGAR DA ECOLOGIA NO CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO E A EXPERIÊNCIA DA REGIÃO AUTÔNOMA DE ROJAVA

Embora a presença de populações curdas na Síria seja menos expressiva do que a registrada na Turquia, a trajetória de luta e resistência deste povo na região não é menos

importante. Conforme descrito no decorrer do trabalho, a organização do PKK e de suas guerrilhas não se limitou ao território do Estado turco, mas manteve uma forte presença nas quatro partes do Curdistão. No caso da Síria, o território de Rojava concentra diversos campos de treinamento militar e serviu de refúgio para as lideranças do PKK durante os anos mais intensos de conflito no país vizinho. A região é composta por aproximadamente 2312 km² e é formada por mais de 380 cidades e vilarejos. Estima-se que a população de Rojava congregue mais de 3 milhões de pessoas entre curdos, assírios, turcomenos, yazidis, entre diversas etnias e grupos religiosos.

Após mais de cinquenta anos no poder, o governo do partido Baath na Síria enfrentou as insurgências da população com a chamada “Primavera Árabe”, iniciada em 2011. Quando ocorreu a guerra civil na Síria, os curdos se viram na dicotomia de ter que escolher entre apoiar o regime Sírio ou a oposição, como nenhum dos dois inspirava boas perspectivas para os curdos, decidiram seguir a “terceira via”. Com isso, não apoiaram nenhum dos dois, declararam autonomia da região e se colocaram para defender-se dos ataques externos (DIRIK, 2017: 108-109).

A forte estrutura de poder, embasada em relações clientelistas de perspectiva nacionalista pan-arabista, foi posta em xeque pelas organizações políticas curdas que já atuavam na região, ainda que de forma incipiente, passam a organizar a população quando as estruturas estatais desapareceram da região a partir dos princípios do Confederalismo Democrático. Seu principal formulador teórico, Abdullah Öcalan, havia se refugiado por certo tempo nos campos de treinamento do PKK antes de ser estabelecida a região de Rojava, se aproximando da população local, favorecendo a aceitação do Confederalismo Democrático.

A experiência de Rojava teve início em meio à guerra civil na Síria iniciada em 2011. Os curdos no norte da Síria, com especial protagonismo das mulheres (Ribeiro, 2021), optaram por uma “terceira via” ao buscar se manter distantes do conflito entre a oposição e o governo de Bashar Al-Assad e, ao mesmo tempo, iniciando a construção do Confederalismo Democrático conforme pensado por Abdullah Öcalan⁹. Com a guerra civil desestabilizando as dinâmicas políticas e sociais do país, as organizações em Rojava rapidamente agiram para pôr em prática seus princípios ideológicos.

⁹ A população local, apoiada pelo Partido da União Democrática (Partiya Yekîtiya Demokrat – PYD) e outras organizações populares, decidiu formar o Movimento para uma Sociedade Democrática (Tevgera Civaka Demokratîk - TEV-Dem), dissolvendo a estrutura estatal.

Desta forma consolidam-se as primeiras estruturas administrativas da região, com a criação de assembleias e comunas nos mais variados espaços e níveis (bairros e cidades). Desde a criação do governo descentralizado sem o Estado e sem hierarquias em 2012, dois milhões e meio de pessoas têm participado nesta forma de governo, “que se relaciona com a Revolução Espanhola (1936), os Zapatistas (1994), o movimento de assembleias de bairro na Argentina (2001-2003) e com o municipalismo libertário de Bookchin” (Strangers in a Tangled Wilderness, 2019: 32).

Desde o início de 2000, quando Bashar Al-Assad fora eleito, o seu governo sempre focou na exploração dos recursos naturais e na alta produtividade agrícola, com o desflorestamento sistemático para a viabilização de monoculturas (Simões; Souza, 2021: 79-80). Como “até 2012, Rojava estava em uma relação de dependência colonial com o regime sírio Assad, o que afetou fortemente a situação econômica e ambiental na região. Durante décadas foi proibido plantar árvores ou cultivar hortas” (Comuna Internacionalista de Rojava, 2021: 54). Assim, a região sofreu diretamente com o resultado deste sistema capitalista e com a violência estatal contra a sociedade e o meio-ambiente, enfrentando a escassez de água e outros

Grandes desafios ecológicos: na produção e consumo de petróleo e gás, na agricultura e transporte, na eliminação de resíduos e tratamento de águas residuais e na construção de moradias. A prioridade do regime Baath era explorar os elementos naturais da área com a maior eficiência, maximizar a produção agrícola a longo prazo e manter os serviços públicos básicos com o menor insumo. Mal contemplou as consequências ecológicas dessas políticas. Os impactos negativos resultantes são um legado sério, mas Rojava hoje enfrenta desafios ainda maiores como resultado da guerra e do embargo (KNAPP; AYBOGA; FLACH, 2016:222).

Com 96 artigos delimitando as bases para a organização política e social dos cantões da região, em 2014 foi publicado o Contrato Social de Rojava e neste contrato promove uma filosofia de gestão ecológica que orienta as decisões sobre planejamento urbano, economia e agricultura, e administra todas as indústrias baseados em princípios coletivos. Além desta nota sobre a ecologia, no contrato destacam-se pontos importantes como a declaração de autonomia dos cantões de Afrin, Jazira e Kobané, sem manifestar interesse na construção de um estado-nação; reafirmou ser a população como única fonte de legitimidade de todos os conselhos de governo e instituições públicas; estabeleceu a organização política e administrativa através da democracia de base; ressaltou a diversidade e a não discriminação; e a separação entre estado e religião.

Como resposta acerca da violência ao meio ambiente que tem sofrido a região, no início de 2018 foi lançada a campanha “Make Rojava Green Again” pela Comuna Internacionalista de Rojava, em cooperação com o Comitê de Reservas Naturais da Comissão de Economia, e o Comitê de Ecologia (da Comissão de Municípios e Ecologia do Autogoverno de Rojava). O objetivo principal seria apoiar e desenvolver a sociedade ecológica no norte da Síria, principalmente por meio de três eixos: educação, trabalhos práticos e a organização da solidariedade global (COMUNA INTERNACIONALISTA DE ROJAVA, 2021: 77).

No primeiro eixo da campanha, entende-se que o desenvolvimento de uma consciência ecológica e democrática é a base para a compreensão do equilíbrio entre a humanidade e a natureza. E a partir desta linha, o primeiro objetivo da campanha que está em andamento foi a construção da Academia Internacionalista de Rojava, arborizando-a com 2.000 árvores plantadas inicialmente em seu planejamento, a maioria pinheiros e árvores frutíferas, como maçã, pis- tache, romãzeira, cerejeira, pêra, figo e damasco.

Acerca dos trabalhos práticos, consistia em um primeiro momento, a arborização da região de Rojava, que sofre de ausência de florestas, com isso, o programa atuar intensamente no reflorestamento e na construção de uma cooperativa de plantio de viveiro de árvores, sob gestão da cooperativa conduzida pelos membros dessas cooperativas em colaboração com as comunas¹⁰. E no aspecto da solidariedade global, o autogoverno busca atrair apoio internacional para os projetos desenvolvidos

Através da nossa campanha e divulgação, queremos construir uma ponte entre as entidades comunitárias locais do autogoverno democrático e projetos ecológicos no norte da Síria, e ativistas, especialistas, acadêmicos, instituições e organizações interessadas de todo o mundo. Naturalmente, uma das melhores formas de promover este trabalho ecológico é participar aqui em Rojava (COMUNA INTERNACIONALISTA DE ROJAVA, 2021:84-85).

Na área da economia, a organização coletiva se constitui por meio de cooperativas onde trabalhadores detêm os meios de produção, organizando-se de forma horizontal. Com relação à educação, os idiomas principais de ensino são: curdo, árabe, siríaco e outros, buscando romper com a política linguística monolítica do regime

¹⁰ Outras atividades práticas são realizadas com foco na agricultura orgânica, na construção de vilas ecológicas, e busca por alternativas energéticas e tecnológicas, como por exemplo, o retorno às técnicas tradicionais de cultivo hídrico e a promoção da criação local de animais e dos métodos tradicionais de construção, sendo completamente contra a comercialização das águas ou controle predatório da natureza (Rapid Transitions Alliance, 2019).

baathista na Síria, com as perspectivas educacionais abarcando o “paradigma das bases da democracia, a economia-ecológica e a emancipação de gênero” (Aydin, 2019: 155). Na área da saúde, a busca é por uma gestão democrática com centros de reabilitação em todas as grandes cidades, sendo o Crescente Vermelho do Curdistão (Hevya Sor a Kurdistan), o principal ator na organização dos cuidados de saúde (Ciwan, 2022: 25). Neste sentido ressaltamos a importância da descentralização, tudo é organizado localmente, onde

Os três cantões de Rojava têm centenas de comunas, organizações políticas locais de algumas dezenas de pessoas sobre as quais se projeta a economia. Na verdade, a organização e a estrutura das cooperativas (que representam o modelo produtivo de Rojava) estão ligadas às das comunas, que, embora descentralizadas, cooperam entre si. Além disso, a propriedade da terra é na maior parte comunal, o que no início não foi muito difícil de conseguir devido ao caos gerado pela guerra (ROMERO, 2016: 166).

Observa-se que a formação de Rojava e sua relação com a sociedade e a natureza se traduzem na dimensão de uma ecologia social libertária que se desenvolve a partir da fundação de uma forma de convivência social alicerçada na produção e na partilha do comum. Deste modo, apesar das contradições e contingências que a experiência de Rojava está sujeita, a experiência aponta para a construção de uma comunidade ecológica na qual a produção e compartilhamento coletivo são os fundamentos para reconstruir a relação entre natureza e humanidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve trabalho, buscamos analisar como a obra de Murray Bookchin sobre o municipalismo libertário e a ecologia social influenciaram a formulação da proposta de Confederalismo Democrático de Öcalan, e como este modelo de sociedade descentralizada, com maciço protagonismo feminino, ecológica e crítica ao estado-nação influenciou na criação da Região Autônoma de Rojava. De certa forma, ambos buscaram as potencialidades históricas e sociais para uma civilização democrática, livre da dominação e hierarquia e suas patologias destrutivas.

O pensamento de Bookchin incorpora uma análise social voltada a entender as necessidades do meio ambiente e a reconstrução de sua relação com as necessidades humanas, estabelecendo este princípio como crucial para a humanização da natureza e a naturalização do ser humano. O envolvimento de Öcalan com os escritos de Bookchin durante sua prisão solitária em Imrali, na Turquia, bem como sua posição de influência

dentro do movimento de libertação curda e do PKK, impulsionaram um modelo radical e inovador de projeto político que oferece uma solução possível.

A solidariedade humana e o princípio universalista da esperança que emanam da emergente confederação democrática do Curdistão demonstram que esta não é mais uma questão puramente teórica, demonstra ser uma experiência prática libertária que nega o sistema capitalista e o modelo de estado-nação ao se desenvolver a partir do Confederalismo Democrático. O processo em Rojava não está livre de contradições, porém, assim como na última carta escrita aos 83 anos por Murray Bookchin enviada a Öcalan por intermédio de Reimer Heider em maio de 2004, com o esforço desta experiência, é possível acreditar em uma utopia potente, um novo modelo de sociedade.

Por favor, dê ao Sr. Öcalan meus melhores votos. Minha esperança é que o povo Curdo um dia estabelecerá uma sociedade livre e racional, que irá permitir seu brilho florescer uma vez mais. Eles são realmente afortunados por ter um líder com os talentos do Sr. Öcalan para guiá-los (HEINER; BOOKCHIN, 2004)

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Alysson Eduardo; QUELUZ, Gilson Leandro. Tecnologia, imaginação e ecologia na obra de Murray Bookchin. *Desenvolvimento e Meio ambiente*, v. 52, p. 325-341, dez 2019.
- AUGUSTO, Acacio. *Municipalismo libertário, ecologia social e resistências. Ecopolítica*, 2, p. 64-98, 2011-2012.
- AYDIN, DERYA. *O sistema educativo em Rojava: uma entrevista com Dorsin Akif*. In: Comitê de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São Paulo. *Şoreşa Rojavayê: revolução, uma palavra feminina*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019.
- BIEHL, Janet. Bookchin's Libertarian Municipalism. *Cadernos de Campo*, Araraquara, n. 26, p. 63-78, jan./jun. 2019.
- BIEHL, Janet; BOOKCHIN, Murray. *Las políticas de la ecología social. Municipalismo libertário*. Barcelona: Virus Editorial, 2009.
- BOOKCHIN, Debbie. How My Father's Ideas Helped the Kurds Create a New Democracy. Nova Iorque: *The New York Review*, 2018.

- BOOKCHIN, Debbie; BLAIR, Taylor (Orgs.) *La proxima revolucion: las asambleas populares y la promesa de la democracia directa*. Barcelona: Virus Editorial, 2019.
- BOOKCHIN, Murray. *La ecologia de la libertad: el surgimiento y la dissolución de la jerarquía*. Madrid: Nossa y Jara Editores, 1999.
- BOOKCHIN, Murray. *Por una sociedad ecologica*. Editorial Gustavo Gili, S. A.. Barcelona, 1978.
- BOOKCHIN, Murray; BIEHL, Janet; ÖCALAN, Abdullah; et al. *Abdullah Öcalan e Murray Bookchin – Correspondência*. 2004. Disponível em: <https://bibliotecaanarquista.org/library/bookchin-ocalan-correspondencia>. Acesso em 05 mai. 2023.
- BOOKCHIN, Murray. Ecologia e pensamento revolucionário. *Utopia*, nº 1, Rio de Janeiro, 1988.
- Bookchin, Murray. *O significado de Confederalismo*. Rio de Janeiro: Salamandra Negra, 2022.
- BOZARSIAN, Hamit. Radicalismos, violências e integração política na Turquia. *Tempo*, vol.13, n.1, 2001.
- BRINCAT, Shannon; GERBER, Damian. When Öcalan met Bookchin: The Kurdish Freedom Movement and the Political Theory of Democratic Confederalism. *Geopolitics*, volume 26, 2021.
- CANSIZ, Sakine. *Sara: My Whole Life Was a Struggle*. Londres: Pluto Press, 2018.
- CIWAN, Nûce. A saúde funciona na Revolução de Rojava. In: VARIOS AUTORES. *Autodefesa médica II: A revolução de Rojava*. Editora Terra sem Amos: Brasil, 2022.
- COLOMA, Javier Pardo de Santillana y. *La adhesión de Turquía a la Unión Europea*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Centro Superior de Estudios de La Defensa Nacional, Ceseden, España, 2007.
- COMITÊ DE SOLIDARIEDADE À RESISTÊNCIA POPULAR CURDA DE SÃO PAULO. *Şoreşa Rojavayê: revolução, uma palavra feminina*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019.
- COMUNA INTERNACIONALISTA DE ROJAVA. *Make Rojava Green Again: construindo uma sociedade ecológica*. Editora Terra sem Amos: Brasil, 2021.

- CRUZ, Caio Nunes da Cruz. Abdullah Öcalan como Intelectual orgânico: uma leitura gramsciana. *Aurora*, Marília, v.14, p. 117-134, 2021.
- CRUZ, Caio Nunes da Cruz. *A estratégia do Confederalismo Democrático: um estudo dos escritos de prisão de Abdullah Öcalan (1999 – 2005)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, 2022.
- DIRIK, Dilar et al. *A revolução ignorada: Liberação da mulher, democracia direta e pluralismo radical no Oriente Médio*. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.
- HERBER, Lewis (pseud. de Murray Bookchin). The Problem of Chemicals in Food. In: *Contemporary Issues*, vol. 3, no. 12, 1952.
- INICIATIVA INTERNACIONAL. *A liberdade prevalecerá: uma breve biografia política de Abdullah Öcalan*. Editora Terra sem Amos: Brasil, 2023.
- INSTITUTO ANDREA WOLF; ACADEMIA JINEOLOGY. *Matando e Transformando o homem dominante*. Editora Terra sem Amos: Brasil, 2023.
- JONG, Alex de. De apisonadora estalinista a mariposa libertaria? La evolución ideológica del PKK. *Viento Sur*, n. 140, jun. 2015.
- KAVÁLEK, Tomás. *Comparative Analysis of PKK Insurgencies in the Middle East in 2004-18: Examining Conditions for Insurgent Behaviour*. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Masaryk University, República Tcheca: Brno, 2020.
- KNAPP, Michael; FLACH, Anja; AYBOGA, Ercan. *Revolution in Rojava: Democratic Autonomy and Women's Liberation in Syrian Kurdistan*. London: Pluto Press, 2016.
- MADRID, Francisco. Sobre a função social da técnica. *Utopia – Revista Anarquista Cultura e Intervenção*, 1997.
- MONGIAT, J. Notas sobre o nacionalismo curdo: reformulação da identidade nacional. *Revista Averso: Pensamento, Memória E Sociedade*, 1(1), 2020.
- MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO JUVENIL CURDO. *Manifesto da Juventude*. Editora Terra sem Amos: Brasil, 2023.
- ÖCALAN, Abdullah. *Guerra e paz no Curdistão Perspectivas para uma solução política da questão curda*. Köln: International Initiative Freedom for Abdullah Öcalan – Peace in Kurdistan, 2008.

- ÖCALAN, Abdullah. *Confederalismo democrático*. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2016.
- ÖCALAN, Abdullah. *Libertando a vida: a revolução das mulheres*. São Paulo: Fundação Lauro Campos, 2016.
- ÖCALAN, Abdullah. *Sobre minha vida carcerária na Ilha de Imralı*. Editora Terra sem Amos: Brasil, 2021.
- ÖCALAN, Abdullah. *Pensar o Afeganistão a partir do Confederalismo Democrático*. Editora Terra Sem Amos: Brasil, 2021.
- ÖCALAN, Abdullah. *Nação Democrática*. Editora Terra sem Amos: Brasil, 2021.
- RAPID TRANSITIONS ALLIANCE. *Rojava in Syria – growing local democracy and defending ecology in the midst of conflict*. 2019. Disponível em: <https://www.rapidtransition.org/stories/rojava-in-syria-growing-local-democracy-and-defending-ecology-in-the-midst-of-conflict/> . Acesso em 22 out. 2022.
- RIBEIRO, Florencia. *A revolução em Rojava: Jin, Jiyan, Azadî (Mulheres, Vida, Liberdade)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2015.
- RIBEIRO, Florencia. *A revolução das mulheres no Curdistão: feminismo para além da guerrilha. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress*, Florianópolis, 2017.
- RIBEIRO, Florencia. *A trajetória do movimento de mulheres no noroeste do Curdistão: a institucionalização do Confederalismo Democrático e da Jineologi (1978-2018)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2019.
- ROMERO, Juan Jesús Duque. *A economia de Rojava*. In: COMITÊ DA SOLIDARIEDADE À RESISTÊNCIA POPULAR CURDA DE SÃO PAULO. *Soreşa Rojavayê: Revolução uma palavra feminina*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2016.
- SIMÕES, Ana Clara Abrantes; SOUZA, Joyce Karine de Sá. *O Ecossocialismo de Rojava: a potência da práxis do comum*. *Lugar Comum*, Rio de Janeiro, n. 61, setembro de 2021.
- SILVA, André Lemes da. *Da ecologia social a educação ambiental: as contribuições do pensamento libertário de Murray Bookchin*. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2007.

- STRANGERS IN A TANGLED WILDERNES. O rio de uma montanha tem muitas curvas: uma introdução à revolução de Rojava. In: COMITÊ DA SOLIDARIEDADE À RESISTÊNCIA POPULAR CURDA DE SÃO PAULO. *Şoreşa Rojavayê: revolução, uma palavra feminina*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019.
- TARINSKI, Yavor (Org.). *Enlightment and Ecology: The Legacy of Murray Bookchin in the 21st Century*. Canadá: Black Rose Books, 2021.
- VERÍSSIMO, Vitor Maia. *O Confederalismo Democrático curdo e a oposição ao Estado-Nação*. Dissertação (Mestre em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.
- YILDIZ, Kerim. *The Kurds in Iraq: The Past, Present and Future*. London and Ann Harbor: Pluto Press, 2004.
- YILDIZ, Kerim. *The Kurds in Syria: The Forgotten People*. London and Ann Harbor: Pluto Press, 2005.
- YILDIZ, Kerim. *The Kurds in Turkey: EU Accession and Human Rights*. Ann Harbor: Pluto Press, 2005.
- YILDIZ, Kerim; TAYSI, Tanyel B. *The Kurds in Iran: The Past, Present and Future*. Ann Harbor: Pluto Press, 2007.